

# CONTEMPLAÇÕES SOBRE ARTE E EDUCAÇÃO: o espaço pedagógico como lugar de retomada do desejo

*Contemplations on art and education: the pedagogical space as  
a place of resumption of desire*

Juliana Barbosa Neto<sup>1</sup>

Luís Carlos Negri<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é traçado por meio de relatos de experiências vivenciadas entre uma educanda em Pedagogia e um arte-educador. A partir do encontro dos autores em ambientes colaborativos de pesquisa, surgiram diversas inquietações e reflexões que foram alimentadas pelas conexões estabelecidas entre educação e arte. O presente trabalho adota uma abordagem exploratória e reflexiva, investigando as interconexões entre arte e educação. Para isso, nos fundamentamos em conceitos e perspectivas de autores renomados, tais como Boal (2009, 2019), Freire (1976, 2011), Desgranges (2015) e Barbosa (2021). O objetivo principal deste estudo foi discutir questões relacionadas ao acesso à arte e sua desvalorização, promovendo reflexões sobre os prazeres da apreciação e do fazer artístico, com ênfase nas contribuições do teatro para o processo educativo e a formação de professores.

<sup>1</sup> Graduanda no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Inconfidentes/MG – Brasil. E-mail: juliana.barbosa@alunos.ifsuldeminas.edu.br

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade Vale do Sapucaí (Univás) e Arte-Educador do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Inconfidentes/MG - Brasil. E-mail: luis.negri@ifsuldeminas.edu.br

**Palavras-chave:** arte-educação; formação de professores; ensino-aprendizagem; educação transformadora; processo colaborativo.

**Abstract:** This article is traced through reports of experiences between a Pedagogy student and an art educator. From the meeting of the authors in collaborative research environments, several concerns and reflections emerged that were fed by the connections established between education and art. The present work adopts an exploratory and reflective approach, investigating the interconnections between art and education. For this, we are based on concepts and perspectives of renowned authors, such as Boal (2009, 2019), Freire (1976, 2011), Desgranges (2015) and Barbosa (2021). The main objective of this study was to discuss issues related to access to art and its devaluation, promoting reflections on the pleasures of appreciation and artistic making, with emphasis on the contributions of theater to the educational process and teacher training.

**Keywords:** art education; teacher training; teaching-learning; transformative education; collaborative process.

*Tenho o privilégio de não saber quase tudo.  
E isso explica o resto.*  
(MANOEL DE BARROS)

## **PRÓLOGO: UMA INTRODUÇÃO-CONVITE AO ENCONTRO E ÀS REFLEXÕES**

O artigo em questão aborda a experiência de uma pedagoga em formação ao adentrar o universo das artes, em particular o teatro, e oferece reflexões sobre como essa integração entre arte e educação tem contribuído para seu processo de formação e inspirado seu percurso inicial na profissão. Como participante do Grupo de Pesquisa em

Educação, Conhecimento e Arte (EduCArte)<sup>3</sup> a autora teve a oportunidade de dialogar com outros sujeitos interessados em explorar esses temas comuns, o que despertou seu desejo por aprofundar-se nessa linha de pesquisa. Em colaboração com um arte-educador, membro e coordenador do grupo, ambos decidiram registrar essas reflexões em um trabalho conjunto de escrita. Suas reflexões são embasadas, em especial, nas obras de Boal (2009, 2019), Freire (1976, 2011), Desgranges (2015), Barbosa (2021), bem como nas discussões surgidas nos encontros do Grupo EduCArte e do Grupo de Teatro Arte Federal<sup>4</sup>.

Nesse sentido, ao nos aprofundarmos nos estudos mencionados, deparamo-nos com uma série de desafios. Desde as dificuldades enfrentadas durante os processos criativos até a falta de valorização da arte em nossa sociedade. Além disso, também nos deparamos com as limitações, obstáculos e barreiras encontradas ao tentar inserir a arte na vida daqueles a quem ela se destina, seja como um produto de consumo ou como uma ferramenta educativa.

Foi por meio desses encontros e impulsos que o presente trabalho começou a ser traçado. E é mediante o compartilhamento e as reflexões

---

<sup>3</sup> O Grupo de Pesquisa em Educação, Conhecimento e Arte (EduCArte) surgiu em 2021 e é uma parceria entre a Universidade do Vale do Sapucaí (Univás) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). Sob a coordenação dos professores Afílio Catosso Salles (Univás) e Luís Carlos Negri (IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Univás), o grupo dedica-se na busca por compreender de que modo a arte e o ensino, numa relação imbricada, produzem efeitos não só em práticas discursivas como também nos modos de existência, afetando fortemente as subjetividades contemporâneas e o campo da educação.

---

<sup>4</sup> O Grupo de Teatro Arte Federal é um projeto de extensão do IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Surgido em 2010, tem contado com a participação de alunos dos mais variados cursos, além de ser aberto aos professores, servidores e membros da comunidade externa. Nesses anos de existência, primou-se pela investigação de processos teatrais com trabalhos corporais, vocais e de interpretação, além da montagem de peças.

surgidas a partir do encontro com vocês, leitores, que essa nossa escrita coletiva e colaborativa buscará efeito de sentido.

Esta escrita constitui-se, portanto, em um relato de experiência de caráter exploratório e reflexivo de natureza qualitativa (Gil, 2018), não necessariamente trata-se de um relato de pesquisa acadêmica, mas sim de um registro das vivências experimentadas, como afirmam Lüdke e Cruz (2010). Segundo Gil (2012), configura-se em uma estratégia de pesquisa que envolve a descrição e a reflexão de uma experiência particular, permitindo uma compreensão mais aprofundada do fenômeno em estudo.

Além disso, torna-se importante destacar que as reflexões que aqui se fazem, surgiram a partir do encontro dos autores em ambientes colaborativos de pesquisa, o que resultou também em uma escrita colaborativa. Conforme destacam Longarezi e Silva (2013, p. 219), numa pesquisa como essa, é importante que todos os sujeitos se reconheçam como parte integrante e responsável pelas ações que nela ocorrem. Só assim “a colaboração e o trabalho conjunto se efetivam”, porque todos “compartilham a responsabilidade pelo projeto”.

### **Ato1: das tribulações no acesso à arte ao reconhecimento da arte-educação como lugar íntimo de valorização de nossas raízes**

Durante o Laboratório de Criação<sup>5</sup> uma das questões que surgiram repetidamente em nossas conversas e reflexões foi: como conscientizar a população sobre a importância da arte quando ela não é valorizada

---

<sup>5</sup> O Laboratório de Criação é parte integrante da Pesquisa de Doutorado do autor deste artigo, e contou com a participação também da autora, como membro do processo. O estudo intitulado “Experimentações no/do Corpo a partir das relações entre Arte, Educação e Direitos Humanos”, em processo de realização, propõe encontros com membros inscritos. Durante a realização das oficinas são propostas discussões, vivências e práticas corporais a partir de temas que dialogam com o mote geral da pesquisa.

no próprio ambiente educacional? Recordamos de um episódio em particular que se destacava em nossas mentes, relacionado às experiências compartilhadas durante a disciplina de Arte e Educação I<sup>6</sup>, especificamente na relação entre professor e aluno. Lembramos claramente que, quando questionada pelo professor sobre suas experiências nas aulas de arte ao longo de suas trajetórias escolares, a resposta quase unânime da turma de Licenciatura em Pedagogia era: "desenho livre". Essa resposta, juntamente com outras inferências como "arte é tudo", "não gostamos de arte" e "não sabemos fazer arte", revelou o contato efêmero que tivemos com a arte na escola.

Barbosa, em um de seus escritos sobre “Arte na Pedagogia” (2021) nos afirma que o objetivo não é que os professores ensinem aos estudantes de Pedagogia a aprenderem a dar aulas de arte, mas o principal objetivo é que aprendam a desenvolver a criatividade, capacidade de comunicação e criticidade.

A problemática da abordagem da disciplina de arte nas escolas não consiste apenas na ausência de conteúdos qualitativos, mas também na distorção e ressignificação da arte como aquilo que é clássico, contribuindo com atitudes preconceituosas que relacionam as artes populares como inferiores e até mesmo levam à sua desqualificação. Nesse sentido, torna-se impossível não lembrar de outra relação professor-aluna compartilhada, dessa vez, durante as aulas de História Geral da Arte<sup>7</sup>. Havia uma fala frequente, de um grupo de alunos, que tinha o prazer de mencionar que o gênero musical *funk* não poderia

---

<sup>6</sup> Arte e Educação I - Disciplina regular ofertada pelo curso de Licenciatura em Pedagogia no IFSULDEMINAS - campus Inconfidentes. Um dos ambientes de encontro dos autores deste artigo, no lugar de professor-aluna, e que permitiu o início da construção das reflexões que aqui seguem.

<sup>7</sup> História Geral da Arte - Disciplina optativa cursada pela autora no curso de Licenciatura em História do IFSULDEMINAS - campus Inconfidentes. Aqui, mais uma vez, foi possível o encontro professor-aluna, e conseqüentemente, a construção de novas reflexões.

ser considerado arte. Sobre essa ausência da arte popular no currículo escolar, Ana Mae Barbosa nos traz uma reflexão sobre nossa responsabilidade como futuros pedagogos:

Excluir o popular é apresentar um conceito classista de Arte, da mesma maneira que é sexista um professor que apresente apenas obras de artistas homens aos/às seus/suas alunos/as, pois está implicitamente dizendo a eles que o bom artista é sempre o homem (BARBOSA, 2021 p. 203).

Ao levantar a questão acima, a Professora Ana Mae Barbosa nos lembra da importância de olharmos o nosso entorno, e mais, de experienciarmos daquilo que está próximo de nós. No contexto da arte-educação é preciso apresentar aos alunos além dos códigos eruditos da arte, que são peças importantes, também a arte manual, aquela produzida pelo povo e para o povo. Aquela arte moldada pelas mãos calejadas do artesão, criadas a partir da intuição estética nata, sem grandes aparatos ou conhecimentos de códigos eruditos. É uma feitura a partir do desejo e da necessidade do fazer. Uma arte que nasce dos costumes, das tradições, das crenças, da essência de um povo. Assim, ao inserir a arte nas salas de aula, nada mais significativo que partir daquela que nasce perto dos alunos, para daí ganhar novos rumos. Ao se trabalhar a arte do entorno nas salas de aula, esforçamo-nos por buscar a valorização das comunidades de onde vêm nossos alunos, e conseqüentemente, cuidamos para que estes se tornem seres protetores de sua própria cultura e de seu lugar.

Outro ponto abordado por ela, diz respeito à forma sexista com que podemos escolher as obras de arte que serão apresentadas aos nossos alunos. Imbuídos desta mesma linha de pensamento, gostaríamos de chamar a atenção para as diferenças com as quais nos depararemos em nossas salas de aula. Essas diferenças, ao contrário do que anos e

anos de prática escolar nos mostraram, devem ser celebradas e valorizadas. Por anos a fio, a multiplicidade dos seres presentes em sala de aula passou pela tentativa de abafamento, silenciamento e apagamento. Expressões comuns encontradas na escola nos dão conta dessa tentativa: uniforme, fila, série, grade curricular, enquadramento, disciplina, dentre tantas outras.

Consonantes às reflexões de Ana Mae Barbosa, Michel Foucault abordou o tema das filas e das séries em sua obra "Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão". Em seu estudo, ele discute o surgimento de instituições disciplinares, como escolas, hospitais e prisões, que têm como objetivo controlar e regular o comportamento das pessoas.

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele tem de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. (FOUCAULT, 2013, p.141)

Enquanto instituição democrática a escola precisa ser discutida e transformada, trazendo reflexões para com os seus alunos acerca da valorização de sua cultura e assim, compreender que "dentro de cada cultura existe cada indivíduo, cada grupo, gênero, raça e nação" (BOAL, 2009, p. 39). Mas, essa tem sido uma luta contrária aos efeitos do mundo globalizado que visam nossa massificação, anulando nossas individualidades e impondo-nos uma única maneira de pensar e ser.

[...]o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele. Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo, modificam o próprio conceito do que seja o "teatro" (BOAL, 2019, p.11).

Com o auxílio da arte, em especial do teatro, conseguimos representar o nosso real, criando nossa própria narrativa e desta forma colocar esse real em discussão. E é somente a partir do conhecimento de nossa cultura, do nosso real, que podemos transformá-lo. No entanto, é importante reconhecer que o acesso à arte no Brasil está longe de ser igualitário. Diversos obstáculos dificultam a participação plena e inclusiva da população, limitando a capacidade de transformação que a arte pode proporcionar.

O professor de História da Arte, Jorge Coli, aborda diversas causas dessas dificuldades de acessibilidade, e dentre elas, reporta a falta de acesso à educação, as dificuldades financeiras, geográficas, culturais, e inclusive, a qualidade das obras. Em suma, o autor entende que "a frequência da arte depende, no entanto, de circunstâncias materiais, de meios concretos: ela não é dada a todos" (1995, p. 128).

Mesmo com todas essas atribuições e obstáculos no caminho, Boal (2019) nos alerta sobre a importância de se viver a arte. No mesmo sentido, Barbosa conclui: "O prazer é muito importante: aprender a ter prazer com a arte, com o contato, a compreensão, a contaminação, a intimidade das artes amplia a capacidade de viver com mais intensidade". E continua: "Por último, temos o critério mais inusual: a ideia de que a obra de arte deve ser saboreada, que requer para isto uma concentração de significados que advém de sua complexidade" (2021, p. 207).

A presença da arte é indispensável em nossa condição humana e faz parte do nosso cotidiano, do trabalho, do lazer e da educação. Boal nos diz que a "arte é dever de cidadania" (2019, p. 94), e, desta forma, o seu acesso não pode limitar-se aos favoritos e a conexão que se instaura



deverá ir muito além daquela que a sociedade entende e classifica como arte.

Entretanto, não basta frequentar shows, concertos, teatros, museus ou assistir às reproduções da cultura visual e sonora realizadas pelas mídias, rádios e televisão, que por muitas vezes é a única forma de acesso de grande parte da população. A arte precisa ser vivida e sentida: é preciso fazer arte. Coli (1995) retrata os efeitos desse distanciamento refletidos diretamente nas salas de aula. Fala sobre os professores, que não sendo produtores e muitas vezes nem apreciadores da arte, na falta de repertório, passam a buscar referências na mídia, desenvolvendo trabalhos estereotipados nas salas de aula e que não são representativos para os seus alunos. Estes passam a ver a arte como algo distante, feita por gênios, restando apenas, aos professores e aos alunos, reproduzirem aquilo que já foi criado: cópias de obras de arte, coreografias e “teatrinhos” no final de ano.

Ademais, Desgranges nos traz outras adversidades acerca desse distanciamento para com a arte ao destacar a crise do teatro nacional, a passividade dos espectadores e os impactos da mídia. E questiona: “Que procedimentos espetaculares e extra-espetaculares podem ser utilizados para tornar o espectador estimulado e capacitado para enfrentar o embate linguístico?” (2015, p. 43).

Para o autor, o acesso físico à arte não pode ser visto de forma isolada, além da democratização cultural faz-se necessário o acesso à linguagem artística para que o apreciador saiba como se portar frente a uma obra de arte. Portanto, formar espectadores vai além de incentivar a assistir a eventos artísticos, é necessário capacitá-los para um diálogo enriquecedor com a obra, despertando o desejo pela experiência artística e promovendo uma maior compreensão das expressões culturais. Reiterando, desta forma, a importância de educar alunos com

arte e para a arte, além de se pensar e criar um trabalho, também, de formação para os espectadores.

O despertar do interesse do espectador não pode acontecer sem a implementação de medidas e procedimentos que tornem viáveis seu acesso ao teatro. Na verdade, duplo acesso: físico e linguístico. Ou seja, tanto a possibilidade do indivíduo frequentar espetáculos quanto a sua aptidão para a leitura de obras teatrais (DESGRANGES, 2015, p. 29).

O autor acrescenta ainda que o teatro precisa propor ações e interações para que o espectador se movimente, socialize, debata e acima de tudo tenha expectativas da arte que vai apreciar. É necessário que seja dinâmico, indiferente ao papel de consumo que lhe foi atribuído, ao mesmo tempo sensível à sua concepção de manifestação cultural e artístico-educacional. O espectador é o protagonista do teatro que tem suas funções educativas. Porém,

A atuação do espectador não se efetiva sem o reconhecimento de sua presença. A voz desse outro integrante do diálogo situado na plateia só pode ser ouvida se a palavra lhe for aberta (DESGRANGES, 2015, p. 28).

Fazendo a ponte com a nossa realidade, por meio da troca de experiências com os participantes do Grupo de Pesquisa EduCArte e com os membros do Laboratório de Criação, nós, atores e não-atores, conseguimos visualizar o quanto o teatro é importante no processo de ensino e aprendizagem. A arte nos permite estar mais próximos de nossas raízes, nos proporciona uma relação mais íntima com nossa cultura e costumes.

Quando temas e acontecimentos que cercam a comunidade escolar, como qualidade de vida, direitos humanos, meio ambiente, necessidades especiais, gênero, etnia, nacionalidade, questões de crença e fé, a violência, as drogas, a falta de segurança, os problemas com as políticas públicas, são levados para dentro da escola, fundem-se esses dois

224

espaços chamados de formais e não-formais, e é nesse encontro, que extrapola as dimensões físicas dos muros que separam esses dois ambientes, que se efetivam os espaços de formação e de educação (MIOTTO; NEGRI; SALLES; 2021, p. 03).

Como é prazeroso quando nos identificamos com uma ilustração, com músicas, peças teatrais, novelas ou quando lemos um livro e lá está representada a nossa cultura e a cultura do nosso povo. É a partir dessa representatividade que os grupos marginalizados pela sociedade recarregam suas energias, para se revestirem do manto do empoderamento, reafirmando, desta forma, a importância da abordagem de temas transversais e da cultura popular dentro das escolas.

## **Ato 2: por meio do encontro, encontra-se com a arte, a educação e os direitos humanos**

A inclusão da realidade do aluno nas salas de aula nem sempre é realizada de forma harmoniosa, muitas vezes gerando angústia, medo, insegurança e sofrimento. Uma abordagem eficaz para apoiar alunos e suas famílias é por meio da educação, promovendo o conhecimento de direitos, o que desempenha um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida de toda a comunidade. E foi por meio da arte e em forma de arte que uma pedagoga em formação teve a oportunidade de conhecer um dos documentos mais importantes sobre a garantia dos direitos aos cidadãos: a Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>8</sup>. Corre-se o risco de assombrar os leitores, mas é preciso relatar que foi somente ao cursar o ensino superior, já na idade adulta, mãe de dois filhos, mais especificamente ao integrar um laboratório de criação

---

<sup>8</sup> A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um documento composto por 30 artigos que determinam os direitos básicos de todo ser humano e estabelece, pela primeira vez, a proteção universal desses direitos. Elaborada por uma comissão da Organização das Nações Unidas (ONU), entrou em vigor após uma assembleia geral realizada em 1948.

oferecido como atividade extracurricular, que me deparei pela primeira vez com a leitura do citado documento. Antes que seus olhos se estalem, a boca se abra ligeiramente e o espanto tome conta de suas feições, é preciso dizer que essa não é a exceção à regra. Apesar de saberem que gozam desses direitos universais, não é incomum se deparar com quem nunca tenha feito a apreciação dos artigos de tal declaração. Se pudéssemos interagir de forma objetiva, nós que traçamos essas breves linhas, e tu que por elas passa seus olhos, ousaríamos perguntar: quando foi que procedeu a leitura do documento que descreve os seus direitos fundamentais?

Em nosso laboratório de criação, com encontros presenciais e remotos, a escolha dos temas foi sempre democrática e a participação de todos os integrantes foi essencial para a solidificação das nossas discussões. Fundamentamos nossas pesquisas teatrais nas obras de grandes autores, destacando Paulo Freire e Augusto Boal, tendo nossas vivências norteadas pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Temas e autores constantes e relevantes no decorrer dessas linhas, como já devem ter constatado aqueles que nos acompanham.

Para o dramaturgo Augusto Boal, as técnicas do Teatro do Oprimido têm como maior identidade a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Durante os seus estudos, na construção e no desenvolvimento dos seus espetáculos sustentou a essência e a disposição de se trabalhar por uma sociedade sem oprimidos e sem opressores. A partir desse princípio, de forma concreta, predominava o ímpeto desejo de tornar realidade “as promessas utópicas da *Declaração universal dos direitos humanos*” (BOAL, 2009, p. 184). Nesse segmento, para Paulo Freire, uma Educação Libertadora só é possível se for uma educação para os direitos humanos, em que sua prática pedagógica seja fundamentada no desenvolvimento integral do sujeito e em sua autonomia, para assim,

solidificar o “compromisso com o homem concreto, com a causa da sua humanização, de sua libertação” (FREIRE, 1976, p. 22).

Como frutos dessas conexões, Boal (2009) nos traz uma outra relação, também baseada nos princípios da Declaração entre se conhecer, conhecer a arte e o mundo.

A Estética do Oprimido é uma proposta que trata de ajudar os oprimidos a descobrir a Arte descobrindo a sua arte; nela, descobrindo-se a si mesmo; a descobrir o mundo, descobrindo seu mundo; nele, se descobrindo (BOAL, 2009, p. 170).

Muitas outras relações podem ser estabelecidas entre arte, educação e direitos humanos. Durante esse encontro com o teatro visualizamos diversas possibilidades que têm o potencial de nos auxiliar no processo educativo de nossos alunos, e mesmo diante das dificuldades encontradas nesse trajeto, entendemos que é edificante compreender como essas transformações são necessárias. “O ato de transformar é transformador” (BOAL, 2009, p. 190).

### **Ato 3: dos primeiros passos no universo teatral à descoberta de uma arte que possibilite uma nova visão do campo educacional**

A Educação deveria ser arte! No processo educativo ela apresenta inúmeras vantagens, que vão além da atenção, da concentração, da memória e da percepção do eu. A arte pode transformar esse processo em uma atividade muito mais dinâmica e prazerosa. Para o professor Jorge Coli (1995) a arte tem a função de “aprendizagem”, pois também apresenta uma consciência que desperta em nós reações culturais, que são instrumentos eficazes na educação, uma vez que nos aproxima da compreensão dos elementos pertencentes ao mundo sensível e nos ajuda na construção de um outro mundo repleto de ambiguidades.

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de “aprendizagem”. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia (COLI, 1995, p. 111).

A arte é intensa, presente, e como lindamente foi descrita por Boal, “a arte não é maquiagem na pele: é sangue que corre em nossas veias” (2019, p. 94). Durante a participação no Grupo de Teatro Arte Federal tive a oportunidade de sentir essa relação sistêmica com a arte ao acompanhar o processo do coordenador, em conjunto com os demais membros, na construção da consciência de que “somos todos artistas” (BOAL, 2019, p. 118). E sendo artistas, nos sentimos capacitados para criarmos nossas próprias reflexões e pensamentos, e a partir dessas inquietações dispor do pensamento para solucionar os nossos problemas e os daqueles que estão inseridos em nosso meio.

Neste mesmo sentido, a promoção da arte na escola liberta os nossos alunos de serem meros consumidores da arte. A proposta é que os educadores entendam a grandiosidade desses momentos para a formação de seus alunos, passando a utilizar desse recurso para além da função da arte como entretenimento, beneficiando-se de seu caráter educativo, político e social.

Não queremos oferecer ao povo o acesso à cultura - como se costuma dizer, como se o povo não tivesse sua própria cultura ou não fosse capaz de construí-la. Em diálogo com todas as culturas, queremos estimular a cultura própria dos segmentos oprimidos de cada povo. Queremos promover a *multiplicação dos artistas* (BOAL, 2009, p. 46).

Em seu último livro, *A Estética do Oprimido*, Boal (2009) propõe que “uma nova forma de se fazer e de se entender a Arte, não pretende anular as anteriores que ainda possam ter valor, não pretende a multiplicação de cópias nem a reprodução da obra” (p. 46). Destaca que a produção artística não deve ser apenas um meio de entretenimento ou consumo cultural, mas sim um meio de expressão, questionamento e ação para promover mudanças sociais. Segundo essa perspectiva, a imagem, o som e a palavra devem ser usados como ferramentas de ação, indo além do mero consumo. “Não basta gozar da arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-la em atos sociais, concretos e continuados” (p.19).

Harmônicos aos ensinamentos do dramaturgo, os nossos encontros do Laboratório de Criação, centravam suas técnicas, metodologias e diálogos em favor de nosso autoconhecimento, influenciando diretamente a nossa forma liberta de ver a realidade. Por mais difícil que seja o processo, o teatro nos possibilita jogar, brincar, interpretar, e para além de tudo, poder manifestar o nosso silêncio e exteriorizar nossas angústias e emoções. Na identificação ou não do personagem é possível observar as nossas ações e as consequências que elas têm para nossa dinâmica de vida.

As oficinas teatrais possibilitam a criação de situações em que os estudantes possam se expressar e mergulhar em um personagem e/ou uma história. Conseguem sair de si e ver outras dimensões que ele mesmo desconhece. Nesta direção, a parceria entre arte (teatro) e educação pode auxiliar na necessidade intrínseca dos seres humanos em se expressar, seja no seu processo precursor criador, no seu desenvolvimento ou no envolvimento com pesquisas, leituras e escritas.

No sentido mais arcaico do termo, teatro é a capacidade dos seres humanos (ausente nos animais) de se observarem em si

229

mesmo em ação. Os humanos são capazes de se ver no ato de ver, capazes de pensar suas emoções e de se emocionar com os seus pensamentos. Podem se ver aqui e se imaginar adiante, podem se ver como são agora e se imaginar como serão amanhã (BOAL, 2009, p. 14).

Vale destacar ainda, que a inclusão do teatro na escola é benéfica também aos professores, que ao possibilitar que os alunos participem de todo o processo criativo, da direção à atuação, viabiliza a oportunidade de observar as mais diversificadas ações e as ricas conexões que esses momentos favorecem. E desta forma, compreender, de fato, o que o aluno quer aprender. Esse trabalho orientado, além de estabelecer essas relações de confiança e aprendizado coletivo, pode gerar um grande repertório de artistas e de linguagens diferentes, somados a isso, ao inserir situações-problema, enriquecem a gama de elementos para os alunos se expressarem.

Percebemos que o conhecimento do corpo, o desenvolvimento da expressão, o trabalho em grupo e o improviso são apenas algumas das vantagens do fazer teatral. Podemos ir além se acrescentarmos a isso o desenvolvimento da segurança, a perda da timidez, a criação de senso crítico e a autoestima, que é a base desse fenômeno na afetividade consigo e com os outros. Essencialmente, o teatro nos possibilita ser o que a gente quer ser e não o que a gente pode ser. É criar o novo! Estimular a percepção do entendimento de como os outros nos olham diferente. Consequentemente, na área educacional, proporciona aos professores um novo olhar diante de cada aluno. “O teatro é isso: a arte de nos vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo!” (BOAL, 2014, p. 20).

#### **Ato 4: dos afetos e sabores presentes nos cafés - as prosas com Freire e Boal e as aproximações entre Teatro do Oprimido e Pedagogia do Oprimido**



Permitam-nos ser poéticos para dizer que a vida está em movimento, desde os primeiros raios de sol penetrantes na janela da cozinha, que se entrelaçam com as chamas que preparam o café da manhã, até o mais lindo brilho da lua que enfeita o céu das noites limpas de outono. Tudo se move! E a harmonia desses movimentos é reflexo das nossas ações, da organização e das prioridades que habitualmente estabelecemos.

Pode-se também dar o nome de “teatro” às ações repetitivas da vida cotidiana: nós encenamos a peça do café da manhã, a cena de ir para o trabalho, o ato de trabalhar, o epílogo do jantar, o almoço épico com toda família no domingo, etc (BOAL, 2014, p. 13-14).

É a partir dessa apresentação, na epígrafe do livro “Jogos para atores e não-atores” de Augusto Boal e da metáfora da organização da mesa dos memoráveis cafés da manhã, que ousamos iniciar as reflexões deste ato. Tão logo resolvemos pincelar os primeiros traços no papel, inserindo aqui as nossas inquietações, decidimos que esse processo seria prazeroso. A partir dessa premissa, nossos encontros sempre foram regados com muito afeto e um orgulho incessante em falar sobre educação e arte, relembrando as nossas vivências nos grupos e nas salas de aula. E mesmo diante da inquietude que a problemática da desvalorização da arte pudesse nos causar, nós buscamos colocar deleite em nossas pesquisas. E não faltou café! Ah, como queríamos compartilhar os gostos e sabores também como você, caro leitor! Esperamos que possa nos acompanhar, em sua leitura, regozijando-se de uma deliciosa xícara de café.

Ao chegar no escritório do meu parceiro de escrita, era recebida não apenas pelo aroma do café, mas por todo aquele ambiente que exalava carinho. Essa recepção deixava tudo mais fácil e prazeroso. Ao preparar a nossa mesa de café, meu parceiro pensava nos quitutes que

eu gostava, nas cores das louças, na toalha de chita pela qual eu era apaixonada, e nunca se esquecia do açúcar. Assim, que essa possa ser uma saborosa metáfora de como preparamos e cozemos essas reflexões, que esperamos possa ser saboreada por aqueles que nos acompanham.

O fazer teatral envolve o estudo dos atores, a relação de espaço e tempo, o cenário, a criação da história, o desenvolvimento e a direção. Acima de tudo, o processo exige também o nosso envolvimento efetivo nas ações e a transformação do espectador em ator. Boal (2019) sustenta esse meio de transição segmentarizado em quatro etapas: o conhecimento do corpo, tornar o corpo expressivo, o teatro como linguagem e o teatro como discurso. Ao tomar o teatro como discurso, apresenta seu espetáculo de forma simples, segundo suas necessidades de discutir temas e inquietações.

A possibilidade de incluir os fundamentos do Teatro do Oprimido nas escolas, um fazer teatral desvinculado das técnicas profissionais, nos concebe utilizar das ferramentas de jogos e exercícios para instigar a desenvolver propostas para os problemas reais, centrados no conhecimento do corpo.

Só depois de conhecer o próprio corpo e ser capaz de torná-lo mais expressivo, o “espectador” estará habilitado a praticar formas teatrais que, por etapas, ajudem-no a liberar-se de sua condição de “espectador” e assumir a de “ator”, deixando de ser *objeto* e passando a ser *sujeito*, convertendo-se de testemunha em protagonista (BOAL, 2019, p. 134).

Essas técnicas têm por finalidade nos ajudar a desenvolver o teatro que existe dentro de cada um. No teatro de Boal, o espectador é chamado de espect-ator, exatamente por ele assumir essa atitude de protagonista, saindo da passividade para o fazer teatral, permitindo a concretização do Teatro do Oprimido.

Em nossos encontros no Arte Federal, com a técnica do Teatro do Oprimido, conseguimos desconstruir a figura do teatro passivo. “O teatro, como algumas artes, é movimento” (BOAL, 2009, p. 107), e esse movimento precisa ser orientado no sentido e na direção correta, para que não continue em posse da classe dominante (opressores) e os espectadores (oprimidos) passem de meros contempladores em sujeitos ativos do processo.

Creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente "ensaio" da revolução. O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação! Não importa que seja fictícia: importa que é uma ação (BOAL, 2019, p. 130).

Assim como o movimento do teatro, os nossos cafés da manhã também foram se modificando, e expandindo para outros cenários. Nos encontramos em padarias, restaurantes, bares, casas de amigos, cafeterias, enfim, uma diversidade de cafés. Às vezes mais forte, expresso, com leite ou creme, mas a essência do afeto estava sempre presente. Baseada nessas relações de afeto, buscamos estabelecer vínculos com uma educação libertadora, que faça sentido para o aluno e que esta seja atuante, de forma prazerosa, nesse processo.

Nesta direção, na busca por fazer conexões entre a Pedagogia do Oprimido e o Teatro do Oprimido, Baraúna nos traz considerações acerca da história do Teatro do Oprimido e sua forte ligação com a educação, tendo uma relação muito profunda com a Pedagogia do Oprimido: “ambos nos deixaram um legado de esperança e ferramentas de intervenção social, educativa e política para combater a opressão: o Método Paulo Freire de Alfabetização e o Teatro Oprimido de Boal” (BARAÚNA, 2013. p. 195).

Freire (2011) tinha um olhar global na formação de educadores comprometidos em transformar os sujeitos. O desejo freiriano de

considerar os indivíduos capazes de promover a autocrítica, emancipação e autonomia, foi em toda sua pesquisa e ação, desenvolvido entre reflexão e prática pedagógica.

O autor enfatiza a importância da alfabetização a partir da leitura crítica do mundo, destacando que não basta apenas aprender palavras, mas compreender o contexto em que vivemos para poder usá-las de forma significativa. Da mesma forma, Augusto Boal compartilhava dessa visão ao promover a alfabetização política das pessoas, incentivando a compreensão desse mundo real, a fim de capacitar os cidadãos a intervirem de forma consciente e ativa na sociedade. Ambos os pensadores reconheciam a necessidade de ir além do domínio das palavras, buscando a compreensão ampla do contexto para uma participação cidadã efetiva.

Para Freire e Boal o desafio para transformar a escola, a educação e a sociedade está na superação da injustiça socioeconômica ligada às estruturas políticas e econômicas da sociedade, que podem ser superadas através da preocupação de uma prática de diversidade e da autoafirmação, com uma política cultural mais ampla de libertação e justiça social (BARAÚNA, 2013, p. 199).

O Teatro do Oprimido tem uma origem muito conectada com toda a reflexão da Pedagogia do Oprimido. Para Boal (2019) o teatro é apoio decidido às lutas dos oprimidos, e para Freire (2011) só uma educação problematizadora é capaz de promover uma mudança do sistema opressor. Concluímos, assim, que os ideais de Freire e Boal estão estruturados na liberdade, ou seja, os sujeitos só serão livres e autônomos na medida em que se manifestem criticamente na sociedade.

## **EPÍLOGO (MAS, NÃO FIM!): um convite à construção do espaço pedagógico como lugar de retomada do desejo**

A partir das aproximações com os autores referenciados, e, articulados com a prática artística, consideramos que a relação das oficinas de teatro com as aulas tradicionais pode ser muito benéfica no processo de ensino-aprendizagem, visto que proporcionam a aplicabilidade de atividades com métodos mais dinâmicos, focadas no aprender compartilhado e na abertura aos alunos em perceberem-se enquanto sujeitos de sua própria história, no sentir e no contato do eu com o outro.

A inclusão do teatro de forma interdisciplinar nas escolas pode também beneficiar alunos e professores, de forma prazerosa, no desenvolvimento de habilidades que em outras disciplinas isoladas não conseguiriam.

Por fim, mas não como ponto final, buscamos com essas emoções atribuir às aulas de arte a capacidade de despertar os sentidos, assim como uma xícara de café perfeitamente preparada. Almejamos que essas aulas sejam envolventes, estimulantes e repletas de afeto. Da mesma forma que diferentes tipos de café oferecem sabores e aromas distintos, acreditamos que as diversas formas de expressões artísticas cativam e encantam de maneira única, proporcionando uma rica diversidade de experiências e um prazer genuíno para aqueles que se entregam a elas. Essas reflexões nos convidam a preparar as nossas aulas como um momento de deleite sensorial e emocional, despertando nossa curiosidade, imaginação e criatividade.

Nesse sentido, propomos uma educação que possibilite a constituição de sujeitos criativos e criadores. Desejamos que o espaço pedagógico possa ser um lugar de retomada do desejo. Que, por meio do encontro, se estabeleça um lugar seguro de construção crítico-reflexiva.

## REFERÊNCIAS

- BARAÚNA, T. M. Considerações sobre a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire e a Metodologia do Oprimido de Augusto Boal. In: LIGIÉRO, Z., TURLE, L. e ANDRADE de C. **Augusto Boal: arte, pedagogia e política/organizadores** - 1 ed - Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.
- BARBOSA, A. M. Arte na Pedagogia. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 200-209, maio/ago. 2021.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- \_\_\_\_\_. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- COLI, J. **O que é Arte**. 15 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2015.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. da. Pesquisa-Formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, v. 13, n. 3, p. 214-225, set/dez 2013.
- LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. da. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Formação Docente –Revista Brasileira**

**de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/20/18>. Acesso em: 22 maio 2023.

MIOTTO, K.; NEGRI, L. C.; SALLES, A. C. A educação para além da escola: considerações sobre o ato de educar à luz de Paulo Freire. **Revista Educar Mais**, Pelotas, RS, v. 6, n. 1, p. 1-12, maio/ago 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Esta publicação deverá ser citada da seguinte forma:

NETO, J. B; NEGRI, L.C. Contemplações sobre arte e educação: o espaço pedagógico como lugar de retomada do desejo. **Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem**, Pouso Alegre/MG, ano 8, nº17, jan-jun/2023, p. 215 - 237.